

Intrigas palacianas cercam FHC

Além de administrar o País, o Presidente tem que contornar “picuinhas” que fazem tremer o Planalto

ÉRICA FERRAZ

Ciúme, inveja, disputa pelo poder e muita intriga. Este é o quadro da fogueira das vaidades do Palácio do Planalto. Não é de hoje que os assessores mais diretos do presidente Fernando Henrique Cardoso se engalfinham em busca de maior espaço e prestígio junto ao Chefe-Maior. Cercado por gente de todos os lados, o presidente Fernando Henrique, além de ter que administrar os problemas normais de um Presidente da República (controle do déficit público, da inflação, a questão da saúde ou educação), volta e meia é obrigado a contornar “picuinhas” internas capazes de fazer tremer as paredes do Palácio do Planalto. Muitas vezes estas questões caseiras extrapolam os corredores palacianos e se arrastam para a vida política. E é aí que o problema se agrava.

O vazamento da lista de deputados do PPB devedores do Banco do Brasil foi um presente de final de ano amargo para Fernando Henrique. Como a situação ameaça diretamente a votação da reeleição, pois atinge sua base de sustentação política no Congresso, o Presidente teve que agir como bombeiro e sair em defesa do seu ministro da Coordenação Política, Luiz Carlos Santos, ameaçado de ser elijado do Ministério por não ter mais condições de assumir a função de coordenador político do Governo. A revista Veja da semana passada publicou reportagem acusando o secretário-geral, Eduardo Jorge, braço direito de Fernando Henrique, de ser o responsável pela famosa lista. O autor da bomba, segundo a revista: Luís Carlos Santos. No Congresso, muitos parlamentares

acham que o responsável pela lista foi Santos. E este, para se livrar da culpa, acusou Jorge. No final das contas quem perdeu espaço no Congresso foi o ministro político. “Luís Carlos só não perdeu o cargo porque a reeleição está em jogo”, ataca um deputado tucano. Depois de todos os desmentidos, poses para foto e discurso de defesa, no disse-me-disse do Palácio do Planalto o desfecho desta história é imprevisível.

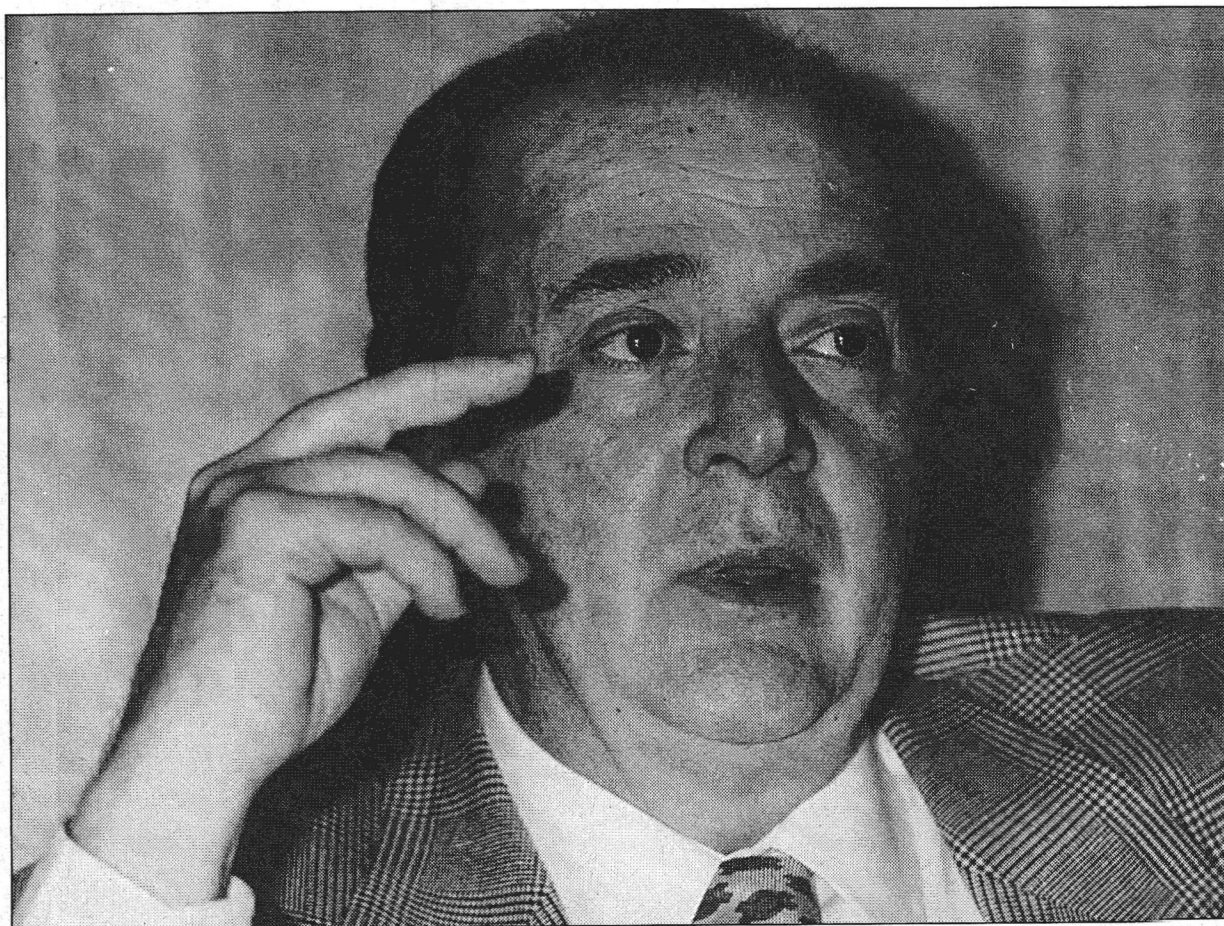
Opinião - O caso de Santos e Jorge é citado no Congresso como exemplo típico de intriga palaciana. “Tudo isto só

aconteceu por causa da disputa de poder, de espaço político junto ao Presidente”, explica um deputado gaúcho do PFL, que prefere se proteger no anonimato. “Para evitar maiores intrigas”, brinca. Na sua avaliação, o ministro da Articulação Política, tentou circular num meio onde apenas pessoas do círculo pessoal de Fernando Henrique tem direito.

Dentro do círculo do Presidente só o ministro Paulo Renato está fora, pelo menos até agora, das futricas palacianas

Fazem parte deste quadro, além de Eduardo Jorge, o ministro-chefe da Casa Civil, Clóvis Carvalho e a subsecretária de Imprensa e Divulgação, Ana Tavares. Todos têm mais de dez anos de convivência com o Presidente da República.

“Luiz Carlos chegou ao Palácio e acabou dividindo poderes com Eduardo Jorge e Clóvis Carvalho e outros ministros. Isto cria ciúmes e intriga e falatório”, analisa o gaúcho. Segundo ele, referindo-se à matéria da Veja, Santos mexeu com quem não devia. “Hoje, ele é um estranho no ninho”, critica. O deputado pefelista, que participa das principais reuniões no Palácio do Planalto, conclui: “Clóvis não gosta do Luiz Carlos Santos que não gosta de Eduardo Jorge que não gosta de ninguém”.



Santos: depois do vazamento da lista de devedores do BB, só não perdeu o cargo porque reeleição está em jogo